

Escolas de lata "cozinham

Quando há chuva, barulho ensurdece a todos. Nos

FOTOS: LUCIO BERNARDO

"os alunos no calor dias de sol, assistir à aula é insuportável

LEONEL ROCHA
Da Editoria de Cidade

Escolas de lata. Este apelido, mistura de carinho e sarcasmo, exprime a realidade das escolas (remontáveis) de aço mantidas pelo Governo, principalmente em áreas mais pobres e de assentamento recente no Distrito Federal. Perigosa, desconfortável, pequena e muito calorosa. Estes são alguns dos adjetivos deste "prédio" colhidos entre professores, funcionários e alunos. Frequentar aula e trabalhar nestes locais é um sacrifício diário para milhares de pessoas.

"Isso aqui não é escola, é um forno". O desabafo é de uma professora que já chegou a transferir a aula para o pátio coberto do Centro de Ensino nº 2, no Núcleo Bandeirante, por causa do calor insuportável. Onze horas. O sol muito quente e a umidade do ar baixa. Pouco vento. Todos estes ingredientes misturados com as janelas quebradas que não podem ser abertas e o teto baixo contribuem para que o calor dentro de uma sala de aula fique insuportável.

Como estas condições adversas, o aluno adolescente não consegue assimilar qualquer lição, seja de que matéria for. Até mesmo os mais interessados e comportados não conseguem suportar uma aula inteira sem reclamar. Onze horas. Uma das estudantes passa mal. Sai da sala e é atendida pelos professores. Anda um pouco, bebe água. Ela não está doente. O motivo do desmaio foi o calor insuportável dentro da sala. Esta cena é comum nestas escolas de aço que parecem garagens mal cuidadas de um prédio pouco conservado.

Dezenove horas. Começam as aulas da noite. No telhado (também de aço) cai uma pedra. A primeira vez ninguém reclama. Mas não pára. Outra pedra e muito barulho. Se a professora estava no meio de uma lição, as atenções ficam dispersas para o comentário das pedradas. Todos já sabem o que é. São pessoas que ficam do lado de fora da escola apedrejando o teto. A professora retoma a aula e todos esperam mais pedradas a qualquer minuto.

ELETROCUTAR

Um dos professores do Centro de Ensino 2, do Núcleo Bandeirante, que também é engenheiro civil, aponta um dos principais perigos da escola de lata. A possibilidade de eletrocutar quem tocar em suas paredes. E que se um fio de uma tomada ficar descoberto e encostado na parede de metal que funciona como condutor de energia, uma pessoa pode receber uma carga elétrica a ser eletrocutada. Lá existem várias tomadas quebradas e cuidadosamente "iso-

ladas" pelos próprios diretores para que não aconteça um acidente.

Se este risco de vida pode servir de exemplo para a aula de ciências, no ponto de eletricidade, os alunos do Centro de Ensino nº 2 praticam uma outra lição: a de que o corpo humano também é condutor de eletricidade. E que quando chove (e a própria chuva é mais um problema para a escola) as pilastras de metal costumam dar choque. Os alunos descobriram e um é escolhido para segurar na pilastra e os demais fazem uma espécie de corrente para todos ficarem sentindo os efeitos da descarga elétrica que passa de aluno em aluno.

Esta brincadeira pode custar muito caro. É uma espécie de mais uma opção de lazer dos estudantes do CE 2, que têm um exíguo espaço para diversão e enfrentam basicamente os mesmos problemas de outros estudantes de colégios convencionais da rede de ensino do Distrito Federal.

CHUVA

Cercado de barro e muito entulho de construção, o Centro de Ensino nº 2, no Núcleo Bandeirante, assim como as demais escolas "de lata", enfrenta outro problema: a chuva. O problema principal não são as gotelras e a vala responsável pelo escoamento da água. É o barulho. Provocado pela própria força da chuva caindo sobre o telhado de aço, o barulho é insuportável dentro da sala de aula obrigada a ter suas janelas fechadas.

Isto deixa desatento qualquer estudante e as condições de ensino são inexistentes. Se a chuva for rápida, o problema é menor. Mas se chover uma manhã inteira, todas as aulas naquele horário estão prejudicadas. Se chover o dia e a noite inteira, teremos os três turnos perdidos. As professoras são obrigadas a gritar, para não parar a aula por inteiro.

Mas a chuva também traz outro inconveniente para estas escolas (e para a maioria, já que são cercadas de vias sem pavimentação). É a lama que se acumula. Cada sapato leva para dentro das salas muita sujeira. Os pátios ficam intransitáveis. Quando a chuva passa e o sol seca a lama, a poeira toma conta das salas de aula. E o ciclo se completa.

Em algumas salas como na diretoria e sala dos professores, um inócuo ventilador tenta deixar o ambiente mais confortável. Mas não adiante muito. Nas salas de aula, não existem ventiladores e as lâmpadas de mercúrio aquecem ainda mais o lugar. Até o final do ano passado o Centro de Ensino nº 2, do Núcleo Bandeirante, funcionava sem o dispensável para-raios, já que a escola é toda de metal.

Além de todos estes problemas, as paredes das salas fazem um barulho ensurdecedor quando as crianças resolvem transformá-las em instrumentos musicais. E um tambor perfeito. As professoras explicam que este tipo de construção é inadequada para crianças de cinco a 10 anos porque elas descobrem o efeito de bater nas placas de aço, transformando uma aula e um tempo perdido.

Caso uma carteira de um aluno esteja próximo a uma parede e esta esteja exposta ao sol até mesmo por pouco tempo, todo o calor passa para o corpo do menino que não consegue ficar no lugar. Isto sem contar que pode até se queimar.

A pequena cozinha da escola também é responsável para esquentar ainda mais outras salas, principalmente as mais próximas. E sabedores disto, os alunos se queixam caso sejam escolhidos para estas salas mais próximas à cozinha. Os banheiros também são de paredes de metal, assim como as divisórias. Uma funcionária mostra que a beirada de uma placa de aço pode cortar uma pessoa que esteja entrando ou saindo do banheiro. Ela mesma tem vestidos rasgados pelas pontas das placas de aço.

OUTROS PROBLEMAS

As escolas de aço, além de todos estes problemas próprios, também passam por todos os outros que os prédios escolares convencionais. Suja, mal conservada, sem material suficiente e adequado, com poucos professores e salas de aula. Em uma das escolas da Candangolândia, por exemplo os alunos estão estudando uma hora a menos por dia para a viabilização de mais um turno. Faltam salas. Professores e alunos sacrificados.

Em outra, o muro cercando todo o prédio foi construído por um candidato em plena campanha para Constituinte. Ele pagou toda a mão-de-obra. Caso contrário, a escola estaria sem proteção até hoje. O portão foi pago com dinheiro dos próprios professores e os pais dos alunos.

Também falta segurança. O desespero dos funcionários chega a ser constatado com qualquer visita. A reportagem do CORREIO BRAZILIENSE foi abordada ontem por alguns funcionários do CE 2. Eles querem segurança porque um deles quase foi assassinado recentemente. Ao contrário do que alegou o diretor-executivo da Fundação Educacional, José Silva Quintas, de que todos os problemas apontados não eram do conhecimento da Fundação, os diretores dos colégios de lata e dos demais pedem material, solicitam a manutenção ou construção de novas salas, mas não são atendidos.